

Durante uma década, dois homens definharam na prisão, injustamente acusados de homicídio, até o momento em que o filho da vítima resolveu lutar pela libertação deles

A consciência de Chris Burkett

JOSEPH P. BLANK

NO OUTONO de 1973, quando Chris Burkett folheava as páginas do *Sunday News* de Nova York, viu a foto de um posto de gasolina que lhe pareceu familiar. A legenda referia-se ao «Crime de Pitts e Lee».

Subitamente, recordações que ele há muito procurava esquecer invadiram-lhe o espírito. Seus pensamentos recuaram até aqueles tristes dias vividos no Noroeste da Flórida, quando ainda era um garoto de 15 anos. Seu pai, Jesse Burkett, trabalhara nesse posto de gasolina, em Port St. Joe, até o seu misterioso desaparecimento, juntamente com outro empregado, numa noite quente do verão de 1963. Chris recordava-se dos agradáveis momentos que passara na companhia de seu pai quando iam nadar, fazer caçadas ou pescar. Costumavam conversar pouco, mas Chris sentira sempre grande alegria quando estava junto do pai.

Cerca de três dias após o desaparecimento de Jesse Burkett, Chris trabalhava no laboratório de revelação de filmes onde fazia meio-expediente quando ouviu dizer que os corpos haviam sido encontrados. Sentiu-se tomado por estranho torpor ao acompanhar a mãe à residência de seu avô paterno. Este, homem de grande influência política no condado, era o conselheiro da família. Com voz sombria, informou os outros membros da família: «O xerife disse-me que dois negros já confessaram o crime. Roubaram o posto de gasolina e depois assassinaram meu filho com um tiro na nuca para que não pudesse denunciá-los.»

Chris, no momento, não quisera saber detalhes sobre a morte de seu pai, nem sentira curiosidade acerca dos incriminados. Evitou também ler no jornal a reportagem sobre o julgamento e a con-

denação de Freddie Lee Pitts, de 19 anos, e Wilbert Lee, de 28, que foram sentenciados à cadeia elétrica. Mais informações sobre o assunto teriam apenas agravado sua dor.

Esperando a morte. Agora, dez anos após o crime, Chris lia pela primeira vez a história completa dos dois homens condenados pelo assassinio de seu pai. O artigo do *News* de Nova York informava que Pitts tinha se queixado de que fora agredido antes do julgamento e coagido a confessar o crime. Os dois homens haviam sido identificados como os criminosos por uma jovem que posteriormente alterou sete vezes suas declarações, chegando mesmo numa delas a desmentir as identificações que anteriormente fizera. Segundo Pitts e Lee, um promotor designado pelo tribunal instigara-os a se declararem culpados, pois era essa a única esperança de evitarem a pena capital.

Depois de condenados, Pitts e Lee negaram sua culpabilidade e para o seu caso foi, sem sucesso, interposto recurso por dois dedicados advogados de defesa. Três anos após o crime, um indivíduo chamado Curtis Adams, que conhecia o pai de Chris havia dez anos, confessou ter praticado os dois homicídios para roubar — cerca de 130 dólares que estavam na caixa do posto de gasolina. Nessa ocasião, Adams se achava preso e confessara ter sido também o autor da morte de outro

empregado de um posto de gasolina. Ofereceu-se para confessar sua culpa se lhe fosse garantida a imunidade, mas as autoridades estaduais recusaram.

Em 1972, Pitts e Lee foram de novo a tribunal porque, durante o primeiro julgamento, o juiz estadual havia recusado a validade de certas provas. Testemunhas declararam que Lee estava em sua casa quando os crimes ocorreram, mas o grupo de jurados, constituído apenas por indivíduos de raça branca, mais uma vez considerou os réus culpados, tendo estes regressado ao «corredor da morte» para aguardarem a execução. Alguns meses depois, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos determinou que a pena de morte passava a ser inconstitucional na maior parte dos casos.

Chris voltou a ler com atenção o artigo do *News* e achou-o totalmente convincente. Estava impressionado e confundido. Como era possível que dois inocentes tivessem passado dez anos esperando a morte acusados do assassinio de seu pai? Chris experimentou um profundo sentimento de culpa. Se Pitts e Lee estavam sendo vítimas de uma terrível injustiça, então todos os que tinham ligação com o caso (inclusive ele próprio) eram responsáveis. Nessa noite, não conseguiu dormir.

Novo elemento. A caminho da Califórnia, onde ia ocupar um lugar no departamento de circulação de um jornal de San José,

Chris verificou que seu espírito continuava obcecado pelo destino de Pitts e Lee. As caras recordações de seu pai pareciam forçá-lo a auxiliar esses dois homens que ele *sabia* inocentes – e a erguer a voz em defesa deles.

Escreveu, então, para Reubin Askew, governador da Flórida: «A maior homenagem que posso prestar à memória de meu pai é assegurar-me de que a infâmia de sua morte será atribuída realmente aos responsáveis, e que serão reabilitados Wilbert Lee e Freddie Pitts, ainda esperando a morte, condenados por um crime que não cometeram.» Chris enviou também cópias dessa carta a Pitts e Lee, que ficaram atônitos. Chris Burkett iria lutar por *eles*? Conjeturavam se um impostor não estaria se divertindo à custa deles.

Chris começou por ler os recortes dos jornais e falar com o repórter Gene Miller do *Herald* de Miami, que durante anos investigara o caso. Estudou também a transcrição de 67 páginas da confissão que Curtis Adams fizera ao técnico polígrafo Warren Holmes. Os detalhes desse documento onde se descreviam os crimes deixaram-no oprimido – só poderiam ser descritos assim pelo verdadeiro criminoso.

Com o decorrer dos anos, Pitts e Lee iam perdendo as esperanças. Em sua luta pela liberdade, eram representados pelos incansáveis advogados Irwin Block e Phillip Hubbart. Miller e outros repórte-

res haviam tentado ajudar, escrevendo sobre o caso. Holmes estava convencido da inocência dos condenados e difundiu largamente sua opinião. Um comitê de defesa recolheu donativos e fez circular petições.

Para os dois presos, no entanto, Chris Burkett representava possivelmente um novo elemento decisivo a seu favor. Ele, o filho da vítima, acreditava na inocência deles. Nada poderia influir mais na opinião pública do que seu voluntário e sincero apelo por justiça.

Avalancha de cartas. Chris pensava que o melhor caminho para obter justiça para o caso fosse através do governador, que tinha poder de decisão para garantir o perdão, se apoiado por três dos seis membros do seu gabinete. Escreveu, portanto, mais uma vez ao Governador Askew, insistindo: «Nesse verão distante, foram praticados dois crimes em Port St. Joe. Num deles, morreu meu pai; o outro foi cometido pelo próprio Estado da Flórida ao permitir que alguns ambiciosos políticos locais, excessivamente zelosos, condenassem dois negros inocentes.»

A 19 de setembro de 1974, Pitts informou Chris de que recebera a visita de um assessor do governador. Os dois presidiários, no entanto, já não conseguiam afastar o pessimismo. Em novembro, depois de serem condenados a mais 11 anos de prisão, Lee escreveu a Chris: «Obrigado por tudo o que fez e tem tentado fazer por nós.

Nossa permanência aqui é já tão longa e nos afastou tanto da sociedade que eu duvido que seja possível esquecer tudo isto e reaprender a viver.»

Chris começou então a enviar telegramas ao governador, insistindo para que fosse tomada uma decisão. Falou finalmente com Arthur Canaday, conselheiro-geral do governador, que lhe assegurou ter Askew lido suas cartas e estar informado de seus sentimentos, interessando-se agora pessoalmente pelo assunto e tendo ordenado um rigoroso inquérito.

Nos meses seguintes, a frustração de Chris aumentou, não sabendo que mais poderia fazer. Então, numa noite, já bastante tarde, ouviu no rádio um programa dirigido por Bob Trebor, na estação K. G. O. de São Francisco, que é transmitido para 13 estados do Oeste dos Estados Unidos, para o Canadá e o México. Nesse programa, os ouvintes telefonam para debater problemas e fazer perguntas a Trebor. Subitamente, ocorreu a Chris que, se o governador recebesse grande volume de correspondência de cidadãos interessados, isso poderia ajudar a acelerar as investigações no caso de Pitts e Lee.

Telefonou a Trebor e, durante 20 minutos, discutiram o assunto. Chris descreveu com eloquência e calmamente a tragédia que atingira Pitts e Lee. Ambos pediram então aos ouvintes que acreditavam ter Pitts e Lee sido vítimas de uma

grave injustiça para escreverem ao Governador Askew. Uma avalanche de cartas invadiu o gabinete do governador.

Consciência e amizade. No início do verão de 1975, Chris, telefonando a Canaday, foi informado de que o governador tinha tomado uma decisão pessoal sobre o caso, mas que precisava ainda pelo menos que três membros do seu gabinete o apoiassem. Chris disse a Canaday que em agosto passaria férias na Flórida, e pediu uma entrevista com o governador, em princípio marcada para 19 de agosto.

Na sua viagem para Tallahassee, capital do estado, Chris visitou a família. Contou a sua mãe os esforços que estava desenvolvendo a favor de Pitts e Lee e a audiência que solicitara ao governador. Ela respondeu-lhe: «Meu filho, se você acredita que está procedendo bem, desejo-lhe sucesso.» O avô, que sempre lhe infundira um misto de temor e respeito, disse-lhe, no entanto, abruptamente: «Ouvi dizer que você foi pago para fazer isso.»

Chris olhou-o estupefato. «Vovô, o senhor acha que, por dinheiro, eu tentaria livrar esses homens da prisão se soubesse que eles tinham assassinado meu pai?»

O rosto do avô Burkett endureceu. «Foram eles. Nunca ninguém teve dúvidas.» O velho Burkett manteve a sua opinião, mesmo quando Chris tentou mostrar-lhe a confissão de Adams. «Adams re-

cebeu dinheiro para escrever essa confissão», afirmou ele, «e nós pensamos que também compraram você para fazer o que está fazendo. Se consegue vender seu coração e sua alma, então não precisa de nós como sua família e seus amigos.» Depois de ter dito isto, afastou-se.

Os frutos da justiça. Chris deixou Port St. Joe e seguiu para Tallahassee, onde lhe foi confirmado que o governador estava prestes a tomar uma decisão. Conseguiu depois autorização para visitar Pitts e Lee.

Na prisão, foi conduzido a uma sala que tinha apenas duas mesas e quatro cadeiras. Um negro entrou. Na camisa havia uma etiqueta com o nome «Pitts». Chris levantou-se, apertou-lhe a mão e disse: «Sou Chris Burkett.»

Pitts olhou espantado. Os guardas da prisão tinham-se equivocado com o nome de Chris e haviam anunciado aos presos que iriam receber uma visita de nome Bryant. Pitts sorriu. «Nunca esperei que viesse ver-nos», disse, comovido.

Quando Lee entrou, Pitts saudou-o dizendo-lhe: «Você jamais conseguiria adivinhar quem é este senhor.» Ao ouvir o nome de Chris, a face de Lee abriu-se num largo sorriso e apertou efusivamente a mão do visitante. «Como eu desejava encontrá-lo!» exclamou entusiasmado. «Suas cartas foram muito importantes para mim. Você nos ajudou muito.»

Discutiram o caso durante cerca de três horas, mas nenhum dos presidiários se sentia otimista. «Depois das repetidas decepções que temos sofrido, é difícil acreditar que na próxima vez será diferente.»

Chris respondeu-lhes: «Não desejo dar-lhes falsas esperanças, mas estou convencido de que o governador assinará o perdão. Caso contrário, voltarei aqui e continuarei a luta.»

Quando Chris já se afastava, Lee levantou-se e declarou-lhe: «Tenho esperado a oportunidade de lhe dizer isto pessoalmente. Nós não matamos seu pai. Estamos inocentes.»

«Eu sei», respondeu Chris. «É por isso que estou aqui.»

Depois de regressar à Califórnia, Chris voltou a telefonar e a enviar telegramas ao governador da Flórida e também aos seis membros do gabinete. Estava gastando em telefonemas e telegramas mais do que o seu ordenado permitia, e a companhia telefônica ameaçou suspender o serviço — o que mais tarde aconteceu.

A 10 de setembro de 1975, o Governador Askew mandou reunir o executivo para uma deliberação, declarando: «Existem para mim provas esclarecedoras mais do que suficientes sobre o sério problema da culpabilidade de Pitts e Lee. Elas indicam de fato sua inocência. Estou convencido de que o bom nome da justiça requer que eu me empenhe em conseguir

a liberdade e o perdão total para esses dois homens.» O governador e dois membros do gabinete assinaram para que o perdão fosse concedido. Cinco dias depois, um terceiro resolveu também assinar.

Chris tomou conhecimento da resolução pelo noticiário da televisão dessa noite. Ergueu-se num salto e gritou: «Conseguimos!»

Quando Pitts e Lee, passados dois dias, saíram em liberdade, apressaram-se a telefonar-lhe. Sentiram dificuldade em falar, pois a alegria embargava-lhes a voz. Limitaram-se a repetir incessantemente: «Obrigado! Obrigado!»

MUITAS pessoas partilham o mérito da libertação de Pitts e Lee: Seus advogados, Holmes, o repór-

ter Gene Miller, que ganhou um Prêmio Pulitzer pelo seu trabalho de investigação sobre o caso. No entanto, na opinião de Canaday, as cartas e os telefonemas de Chris foram «certamente um elemento decisivo para chamar a atenção do gabinete para este caso. Sem dúvida que é persuasivo e incomum que um parente tão próximo da vítima advogue a inocência dos condenados.»

Para Chris, o significado de sua experiência é bastante claro. «A injustiça acontece», afirma ele, «mas, se nos informarmos sobre os fatos que lhe deram origem e verdadeiramente nos preocuparmos com isso, poderemos corrigi-la discutindo e lutando em defesa daquilo que acreditamos estar certo.»



O EXPLORADOR estava no bar contando aos amigos histórias de terras misteriosas e longínquas. «Existe um pequenino país nos confins da África», dizia ele, «onde a gente pode comprar comida para um mês, uma garrafa de uísque e uma mulher – tudo pelo equivalente a três mil francos velhos.»

«Ué!» exclamou um amigo. «Pelo preço a que está o uísque, não deve ser de boa qualidade.»

– *Le Herisson, França*

UM DIA, num aeródromo da R. A. F. em Kinloss, Morayshire, eu estava perto de um avião de reconhecimento Shackleton, juntamente com outros tripulantes e um grupo de jornalistas da cidade, que aguardavam um pouco nervosos o momento de embarcarem no aparelho para um curto vôo. Então, o piloto começou a fazer seus testes de rotina no avião, antes de decolar, batendo com a mão na fuselagem para ouvir se as chapas estavam seguras. Nisto, um jovem jornalista, intrigado, perguntou ao navegador: «Que é que ele está fazendo?»

«Não se preocupe», respondeu o aviador com naturalidade. «É que ele se esqueceu dos óculos outra vez, e anda tateando à procura da porta.»

– T. A. W.